

**DA PRÉ-HISTÓRIA PARA  
A HISTÓRIA INDÍGENA  
NO BAIXO SÃO FRANCISCO:  
ARQUEOLOGIA DO PERÍODO  
DE CONTATO DENTRO DE  
UM CONTEXTO KARIRI\***



ADRIANA JUSSARA SCHUSTER\*\*, LORENA GOMES GARCIA\*\*\*, FERNANDO OZORIO DE ALMEIDA\*\*\*\*

Resumo: *este artigo apresenta elementos que nos permitem advogar que é possível trabalhar com uma perspectiva de história de longa duração para a região do baixo São Francisco. Apresenta-se o contexto de ocupação humana do rio, indicando que, muito antes do período colonial, ocorreram inúmeros elementos de “mistura” cultural e que, portanto, a ideia de “descaracterização” que se tem para o passado recente dos grupos indígenas regionais precisa ser revista. Em seguida, apresenta-se a cerâmica que presentemente é produzida pelas mulheres Xocó (Kariri). Por fim, discute-se sobre elementos tecnológicos cerâmicos do sítio Cipó, um sítio com uma longa sequência de ocupação e datação proveniente do período de contato, que permite observar uma continuidade cultural entre o passado pré-colonial até o presente.*

Palavras-chave: *História de Longa Duração no Baixo São Francisco. Etnoarqueologia Xocó. Análise Cerâmica. Arqueologia do Período de Contato.*

**É** bem sabido que a história da colonização europeia no Brasil começou no nordeste brasileiro com a chegada das caravelas portuguesas no litoral sul do atual estado da Bahia,

\* Recebido em 06.02.2020. Aprovado em: 20.05.2020

\*\* Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe. *E-mail:* adrianajussara.schuster@gmail.com

\*\*\* Doutora em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Arqueologia na Universidade Federal de Sergipe, DARQ-UFS. *E-mail:* lorena.arque@gmail.com.

\*\*\*\*Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Arqueologia do Universidade Federal de Sergipe e o Programa de Pós-Graduação de Arqueologia da DARQ-UFS. *E-mail:* fernandozorio@hotmail.com

em 1500. Da mesma forma, ainda que se discuta a validade das datas mais antigas da Serra da Capivara (PI), é também no nordeste brasileiro que residem as datações mais antigas para as ocupações humanas da América do Sul. Muitos pesquisadores diriam, portanto, que é nessa região geográfica que se inicia a “pré-história” do continente (por exemplo, GUIDÓN, 1992).

Em poucos lugares do país a ideia de uma pré-história é tão forte quanto na região nordeste brasileira. Uma visão que contrasta de forma aguda com as abordagens predominantes adotadas na arqueologia da Amazônia e do sul do Brasil, por exemplo. Nessas regiões, seguindo uma tradição de pesquisas que privilegiam a perspectiva da longa duração, o que se vê é uma busca incessante por histórias dos coletivos indígenas da América do Sul. Tal abordagem, foi iniciada por pesquisadores como Lathrap (1970) e Brochado (1984) e depois desenvolvida por pesquisadores como Noelli (1999), Neves (2008) e Heckenberger (2005). No nordeste brasileiro, por sua vez, tem-se a impressão de que as discussões que envolvem grupos indígenas são tema de pesquisa para historiadores e, especialmente, para etnólogos. Não para arqueólogos.

Para piorar, conforme explica Oliveira (1998, p. 47), até para a antropologia a região nordeste tem recebido uma atenção secundária em comparação, por exemplo, com a Amazônia. Isso porque a região foi estigmatizada com a ideia de “índios misturados” (p. 52), – qualificativo que se opunha aos “índios puros do passado” (DANTAS *et al.*, 1992, p. 452). Historicamente, portanto, a ideia de índios misturados seria empregada para lhes negar o direito à terra, retirando-lhes também o reconhecimento de sua própria existência. Depois de cinco séculos de influência ocidental e de intercâmbio acelerado entre os povos aldeados, pouco sobraria de relevante das “culturas originais”. Até mesmo nos rituais, nos quais as tradições tendem a ser mais estáveis, seria possível encontrar influências de matriz africana (OLIVEIRA, 1998, p. 50).

Nesse contexto, o arqueólogo que fosse buscar a *longue durée* da história indígena regional provavelmente teria que se contentar com um *short purée* (SILLIMAN, 2012), um amálgama desprovido de profundidade temporal de culturas ou de grupos aculturados. Tal visão possui um poderoso viés político (ARRUTI, 2001), uma vez que é comum que grupos indígenas, que disputam a posse de territórios, objetos e vestígios humanos pretéritos, necessitem provar que não são culturas “crioulizadas” ou “híbridas”, tendo mantido uma essência cultural/identitária através do tempo (GOSDEN, 2001, p. 242).

Assim, a maioria dos arqueólogos que trabalhava na região nordeste pôde optar sem remorsos por mergulhar em uma fria e pouco humana “pré-história”. Não é coincidência alguma que o maior clássico de síntese arqueológica para a região se chama “Pré-História do Nordeste” (MARTIN, 2005). A suposta antiguidade da ocupação, um interesse maior por essas ocupações antigas pelos arqueólogos, e o decorrente distanciamento temporal entre esse recorte e a documentação do contato, surgem como justificativas implícitas para o desinteresse em histórias de longa duração. Um bom exemplo pode ser encontrado em estudos sobre pinturas rupestres, outro carro chefe das pesquisas arqueológicas da região nordeste (por exemplo, PESSIS; GUIDON, 2000). Tais estudos, apesar de raramente possuírem datações diretas em contextos locais, são geralmente vinculados a contextos antigos, dos caçadores-coletores que primeiro colonizaram a região. Ignorando, portanto, o interesse (ou capacidade) dos povos horticultores de produzirem pinturas ou gravuras rupestres, ou de habitarem os abrigos

para práticas rituais. Outro exemplo do distanciamento com o período histórico provém do contexto do presente estudo, o baixo São Francisco, em que Vergne (2004) ignorou a presença de contas de vidro encontradas nos níveis superiores do sítio Justino para situar o fim da cronologia desse sítio no início da era cristã (SILVA, 2017). Nesse sentido, é curioso pensar que, diferente do duramente criticado Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), liderado pelos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans (NOELLI, 1999; DIAS, 2007), a chamada escola francesa, que há décadas predomina no nordeste, passou praticamente incólume a críticas quanto ao seu descaso em relação a temas relacionados à história indígena. Reconhecendo a importante contribuição oferecida pela escola francesa para as abordagens de campo, que conecta a arqueologia às suas raízes geológicas e, especialmente, para as análises tecnológicas e tipológicas dos artefatos, é latente a falta de análises críticas às matrizes teóricas utilizadas por esses estudos. No caso europeu, a passagem da pré-história para a história não se daria como uma ruptura, mas com a incorporação de elementos, como a escrita (LEROI-GOURHAN, 1981). Já a pré-história brasileira parece não se identificar com nada. Curiosamente, é nas temporalidades históricas delineadas por Braudel (2014) e na teoria da prática contida nos trabalhos de Bourdieu (1977), ambos franceses, que alguns arqueólogos e arqueólogas têm buscado a construção de histórias indígenas de longa duração (vide, por exemplo, HECKENBERGER, 2005).

Na contramão desse mundo de rupturas, sobretudo epistemológicas e não necessariamente históricas, encontra-se no baixo Rio São Francisco uma tradição milenar que perdura até os dias de hoje. Trata-se do fazer cerâmico, uma tecnologia que existe na região há 5 mil anos (uma das datas mais antigas da América do Sul) e que persiste em comunidades indígenas e ribeirinhas que vivem ao longo do São Francisco. Utensílios cerâmicos foram enterrados com pessoas no sítio Justino, também apareceram em forma de cachimbos, utilizados por indígenas ao visitarem sítios rupestres, por exemplo, e estão presentes até hoje no ritual do Toré, realizado pelos Xokó, no baixo São Francisco. Pode-se afirmar, pela persistência e pelos diferentes usos, que a cerâmica é uma tecnologia de extrema importância para a região. Por meio dessa tecnologia milenar, caberia perguntar se houve, de fato, rupturas no fazer da cerâmica regional no início do período colonial, ou se houve elementos que persistiram no tempo?

Neste artigo pretende-se apresentar um olhar diferenciado para a cerâmica do baixo São Francisco. O que será feito primeiro pela apresentação do contexto arqueológico local. Em seguida, serão apresentados dados etnoarqueológicos referentes à produção cerâmica atualmente realizada pelas louceiras Xokó. Por fim, segue-se a análise da cerâmica do sítio arqueológico Cipó, localizado em Xingó, no baixo São Francisco (Figura 1), e com uma datação relacionada ao início do período do contato. As comparações serão realizadas tendo como base as mudanças e permanências dos elementos da tecnologia cerâmica ao longo do tempo. Nosso argumento é que existem continuidades entre o passado e o presente dos grupos indígenas do baixo São Francisco, e que se pode realizar arqueologia que privilegia histórias indígenas de longa duração nessa região. Mais do que isso, dentro de uma perspectiva de história indígena, aqui se defende que a arqueologia regional pode ser compreendida dentro de um contexto Macro-Jê e, mais especificamente, Kariri. Trata-se de uma tarefa extremamente complexa, que precisará ser aprofundada por futuros estudos.



Figura 1: O Baixo São Francisco: sítios Justino, Cipó, e as terras indígenas Xocó e Kariri-Xocó  
Fonte: Guilherme Mongeló (2020).

## DIVERSIDADE E PERSISTÊNCIA NA ARQUEOLOGIA DE XINGÓ

O São Francisco é o grande rio do nordeste. Possui extraordinária importância na vida regional de diversas populações que ali passaram, viveram e ainda vivem. Suas cabeceiras estão situadas no planalto mineiro, sendo seu médio e baixo curso os que o definem como o rio “nordestino”. A região do baixo São Francisco, onde se encontra o *canyon* de Xingó, encontra-se na tríplice fronteira, entre os estados da Bahia, Sergipe e Alagoas. O *canyon* encontra-se escavado no embasamento rochoso que varia entre 100 e 300 metros de largura, com desníveis entre 100 a 150 metros de altura, apresentando ravinas grandes e largas.

Os terraços fluviais foram formados nas antigas planícies de inundação, dominadas por afloramento de rochas granizadas e magmatitos, e depósitos aluviais e coluviais descontínuos nas encostas dos paredões que limitam o canal do rio São Francisco. Os terraços são estreitos e sucessivos, sobrelevados, com altura média de 12 a 15 metros acima do nível do rio (AB’SABER, 1997). São nesses terraços estreitos que há milhares de anos as pessoas residem.

Os primeiros habitantes da região de Xingó teriam se instalado em pequenas praias de estiagem durante o Holoceno Inicial. Quando os primeiros caçadores-coletores chegaram só existiam as praias de seixos, na condição de embriões dos terraços fluviais. A extração de matéria-prima para a confecção de ferramentas líticas era local e baseava-se na abundância fornecida pelas praias de seixo, com uso frequente do quartzo leitoso (MELLO; SILVA; FOGAÇA, 2007).

A região de Xingó possui um bioma típico de caatinga hiperxerófica arbustivo-arbórea. Vegetação essa que se desenvolve em solos arenosos e ralos. A geomorfologia atual da região demonstra que as características ambientais praticamente não sofreram alteração desde o início do Holoceno, há cerca de 12 mil anos (AB’SABER, 1997).

As condições excepcionais disponíveis nas margens do baixo rio São Francisco foram cruciais para a permanência das populações que ali viveram, com grande abundância de água e de alimento provindos do rio. Essas populações encontram nos terraços fluviais um ambiente protegido e com disponibilidade de água o ano todo, dando condições a acampamentos permanentes na região. Além dos recursos de ictiofauna, encontraram também, na parte alta do *canyon*, áreas ideais para a caça e a coleta (OLIVEIRA *et al.*, 2005).

A data de 8.950 $\pm$ 70 anos AP, obtida para o sítio Justino, marca o início da cronologia regional. Esse mesmo sítio, um cemitério a céu aberto, possui datações para as ocupações cerâmicas que atingem 5.570 $\pm$ 70 AP (FAGUNDES, 2010). As cerâmicas encontradas no sítio Justino parecem representar a indústria de Xingó como um todo. Apresentam um tratamento de superfície alisada e o antiplástico encontrado nas cerâmicas compõe-se de areia e mica. A técnica de manufatura é geralmente acordelada, combinada com o modelado. A queima de produção das vasilhas é frequentemente redutora, com cores que variam entre o bruno e o avermelhado. As formas do sítio Justino “apresentam uma expressiva homogeneidade caracterizadora de uma cultura que ali pertenceu por alguns milênios” (CARVALHO, 2003, p. 62). Apesar dessa suposta homogeneidade, conforme se aproxima dos níveis mais profundos (decapagens 15 a 20 do sítio Justino), a cerâmica se apresenta com acabamentos de superfície mais elaborados: roletada, incisa, escovada, excisa, ponteadada, com marcas de esteira e corrugada. A pintura ocorre em poucos fragmentos.

A indústria cerâmica de Xingó é espacialmente singular, não se encaixa em outra tradição (LUNA; NASCIMENTO, 2000). Entretanto, são evidentes suas semelhanças com tradições do Brasil central, como as paredes finas e queimas redutoras encontradas na cerâmica Una. A combinação de técnicas de manufatura acordelada e modelada também remetem à cerâmica Itararé-Taquara (SILVA, 2000), relacionada a grupos Jê do Sul, indústria que também possui paredes finas com queima redutora. As formas, com raros ângulos, mas com inflexões, remetem essa indústria à Pedra do Caboclo, criada por Laroche (1977). Brochado (1984) vinculou essa Tradição a um contexto Macro-Jê, hipótese que parece de acordo com os dados linguísticos fornecidos por Urban (1992, p. 90-91). Elementos que, unificados, permitem inferir que a cerâmica Xingó pertence a um contexto Macro-Jê. Conforme se indica abaixo, é possível que dentro da história dos povos de línguas Macro-Jê/Tapuia seja possível estabelecer uma arqueologia Kariri (BROCHADO, 1984).

Essa abordagem necessita de algumas ressalvas. Primeiro, o desaparecimento da maior parte do vocabulário indígena dos povos do nordeste impossibilita trazer a linguística para participar de uma discussão mais refinada sobre os Kariri dentro desse contexto Macro-Jê. Segundo, o reconhecimento de um estilo técnico como pertencente a um ambiente Macro-Jê não impede que tenha havido incorporações de elementos provenientes de outros estilos como, por exemplo, o uso de corrugados, unglados, escovados, e de pigmentos vermelhos, pretos e brancos, geralmente associados com a variabilidade formal das cerâmicas Tupinambá. Da mesma forma, a presença de decorações zonadas-hachuradas na cerâmica de Xingó, incluindo a do sítio Cipó, remetem a outras populações possuidoras de decorações inciso-modeladas que geralmente são relacionadas a contextos amazônicos (GARCIA, 2012), mas que recentemente tem sido

identificada em contextos nordestinos do Maranhão (ALMEIDA, 2013a) e do Ceará (VIANA, 2018).

A arte rupestre de Xingó é caracterizada de maneira semelhante à cerâmica: remete a outros estilos/tradições sem se encaixar em nenhuma. Na Fazenda do Mundo Novo, localizada na margem direita do baixo rio São Francisco, encontra-se um complexo arenítico com um pouco mais de um quilômetro de extensão e uma série de pequenos abrigos e matacões rupestres. Ali, Suely Amâncio-Martinelli (1997) e Vanessa Souza (2013) descreveram uma grande diversidade de motivos e figuras, quase sempre em pigmento vermelho. Ao classificarem a pintura dos abrigos, as autoras viram elementos das Tradições Nordeste, Agreste, Geométrica e São Francisco. Ao mesmo tempo, as pinturas não se encaixariam bem em nenhuma dessas Tradições (AMÂNCIO-MARTINELLI, 1997; SOUZA, 2013).

Essa diversidade também parece se estender para o universo dos enterramentos encontrados nos sítios da região. No já citado sítio Justino, foram identificados quatro diferentes cemitérios (ou seja, quatro diferentes tipos de sepultamento), nos quais os mais de 160 sepultamentos retirados no sítio foram divididos (VERGNE, 2004). Entretanto, Fagundes (2010) observou uma “mescla” nos tipos de enterramento, o que demonstra um contexto mais heterogêneo do que o que havia sido inicialmente delineado. Parte dessa heterogeneidade parece ligada a questões de gênero. Como os exemplos dos sepultamentos 116 e 149, dois indivíduos do sexo feminino, que morreram entre 18 e 29 anos, e que estavam acompanhados de rico enxoval funerário, incluindo fragmentos de vasilhas cerâmicas e líticos. O sepultamento 116, primário, possuía braceletes, tornozeleiras, um tembetá, uma ponta de flecha e um vaso inteiro cobrindo parte do corpo, incluindo a cabeça, que havia sido separada dele. O sepultamento 149, secundário, também possuía um vaso inteiro cobrindo parte dos ossos e um cachimbo cerâmico. Ambos possuíam patologias ósseas. Fatores estes que permitiram Oliveira e Klokler (2018, p. 118-19) observarem tratamentos especiais oferecidos às mulheres, incluindo objetos geralmente relacionados ao universo masculino (como a ponta de flecha e o cachimbo cerâmico). Possíveis elementos que denotam um papel de destaque das mulheres nas sociedades que ali enterravam seus mortos. A combinação desses objetos rituais com as deformidades físicas dos indivíduos permitiu aos autores sugerirem que se trataria de um contexto xamanístico. Isto é, seriam evidências de mulheres xamãs.

#### Etnohistória e Etnografia dos Kariri e Xokó do Baixo São Francisco

No “Tratado Descritivo do Brasil” (1587), Gabriel Soares de Souza traz informações minuciosas sobre os povos nativos que ocupavam a região nordeste no século XVI, quando os europeus chegaram. Dividiu em três principais grupos de povos nativos localizados na margem do rio São Francisco: “Caetés, Tupinambás e Tapuias”. Os Caetés estariam localizados na margem norte da foz do Rio São Francisco, pertencente à capitania de Pernambuco. Os Tupinambás ocupariam a margem sul da foz do rio, pertencente à capitania da Bahia. Por fim, os Tapuias, fiéis moradores do sertão, conhecidos como os gentios da “língua travada”, tais coletivos possuíam aldeias amplas nas margens do rio (SOARES DE SOUZA, 2001 [1587]; BANDEIRA, 1972; MEDEIROS FILHO, 1984; DANTAS *et al.*, 1992).

Os Tapuia eram representados por uma ampla variabilidade linguística e etnônimos que se misturam na mesma área, sendo difícil designar um espaço próprio a cada etnia. Nimuendaju chega a atestar oitenta dialetos possíveis para os Tapuias no sertão (MEDEIROS FILHO, 1984; DANTAS *et al.*, 1992). Os Tapuias foram caracterizados como altos e robustos, ultrapassando as medidas dos demais indígenas e dos holandeses. Já nas primeiras descrições – i.e. muito antes de ganharem a conotação de “misturados” com brancos e, especialmente, negros (ARRUTI, 1995) – esses indígenas já eram descritos como possuidores de pele “morena escura”, com cabelos pretos, muito grossos e ásperos, que homens e mulheres usavam longos. Durante a guerra, homens, mulheres e crianças pintavam seus corpos com pigmento extraído do fruto do jenipapo a fim de intimidar com um semblante terrível. Também obtinham tinta vermelha do suco de urucu e pintavam linhas brancas bem definidas nos corpos. Ornamentavam-se com penas coloridas, as orelhas furadas com ossos ou madeira e nos lábios introduziam pedras, geralmente de cor verde, tal qual os tembetás do sítio Justino. Faziam colares com algodão, que prendiam em diferentes partes do corpo, e possuíam uma espécie de sandália, produzida com a casca de planta denominada curaguá (MEDEIROS FILHO, 1984).

Em meio a toda essa diversidade no mundo Tapuia é possível perceber a predominância da família Kariri, dominando o território entre o rio São Francisco, rio Grande de Potengi e Ceará (MEDEIROS FILHO, 1984). Dantas e colegas (1992) atestam que os Kariri estavam presentes desde a porção setentrional do sertão baiano até o Ceará e a Paraíba, tendo quatro línguas definidas: Kipéa, Dzubukuá, Kamuru e Sapuyá. Bandeira (1972) relata a presença Kariri em todo os estados nordestinos, incluindo o curso inferior do Rio São Francisco. Os Xokó estariam à jusante de Xingó, sendo aldeados mais tarde na Ilha de São Pedro, em Porto da Folha-SE.

O padre Luiz Mamiani relata que os Kiriris do rio São Francisco falavam o dialeto Dzubukuá. Na obra “Relação de uma Missão no Rio São Francisco”, o Padre Martinho de Nantes ([1706] 1979) descreve os Dzubukuá-Kariri como sendo os habitantes da metade ocidental do médio curso do rio São Francisco. A leste, o vale do rio até as proximidades da cachoeira de Paulo Afonso, era habitado pelos Proká e Pankararu. Em meados do século XVII, inicia-se o trabalho de catequese entre os Kariri pelos missionários capuchinhos, franceses e italianos, e os jesuítas portugueses. A primeira missão Kariri ocorreria na Paraíba e, em seguida, nas ilhas e margens do rio São Francisco (BANDEIRA, 1972).

Nantes chegou ao Brasil em 1671, seguiu, de início, para uma aldeia a setenta léguas de Pernambuco, onde existia um grupo de índios denominados Kariri. O cronista relata o abandono da primeira missão para se aventurar nas margens do rio São Francisco onde existiam outros Kariri. O autor (NANTES, [1706] 1979, p. 2) indica que esses grupos seriam um dos raros exemplos em que os homens eram subordinados às mulheres e nos quais o adultério não era tratado com pudor. Um papel de protagonismo feminino que parece condizente com os dados arqueológicos identificados no sítio Justino.

Elementos xamanísticos identificados arqueologicamente, como o uso de cachimbos, também foram relatados historicamente. Os xamãs empregavam a fumaça do tabaco nos processos de cura de enfermidades (NANTES, [1706] 1979). Outro elemento presente nos rituais Kariri é o uso da jurema (*Mimosa hostilis Benth.*, a *Mimo-*

sa *Verrucosa Benth* e a *Mimosa tenuiflora*). Planta esta que também era utilizada pelos Tupinambá cearenses – elemento explorado por José de Alencar no clássico *Iracema* (ALENCAR, 2013) – e que se difundiu entre as religiões de matriz africana no período colonial. A jurema ganhou, assim como o tabaco, uma característica transétnica.

Segundo Lowie (1946), os Kariri plantavam mandioca, milho, feijão e algodão. Dormiam em redes. Possuíam como armas o arco e flecha e lanças, mas não a borduna comum nos grupos Jê do centro-oeste. O autor também apresenta um dado relevante ao apontar que a cerâmica era confeccionada pela combinação de técnicas: moldada na base e acordelada na borda. Elemento este observado dentre os Xucurú pernambucanos (LOWIE, 1946) e que, conforme visto, é uma característica identificada na cerâmica arqueológica de Xingó. Lima (1987) relata que os vasos possuíam formas muito diversificadas e teriam sido incorporados pelas populações não indígenas ao longo do período colonial. De fato, em muitas partes do nordeste podem ser encontrados os potes globulares Kariri, destinados ao armazenamento de água, em geral, e moringas para água potável. Além dos potes e das moringas, a cerâmica desses povos é composta por painéis de cozinhar, tigelas hemisféricas de múltiplas funções (lavar, armazenar e descartar alimentos), frigideiras e cuscuzeiros. Há ainda vasilhas confeccionadas exclusivamente para fim ritual, destinadas a conter oferendas (BANDEIRA, 1972; LIMA, 1987).

Atualmente, existem dois territórios indígenas Xokó nas imediações do rio São Francisco. Ambos teriam sua formação a partir das missões religiosas, formada por padres capuchinhos e jesuítas, durante o final do século XVII e início do XVIII. O primeiro é nomeado como Caiçara e Ilha de São Pedro, município de Porto da Folha, no norte sergipano. A segunda área, Kariri-Xokó, está localizada na margem alagoana do rio São Francisco, no município de Porto Real do Colégio (ISA, 2019).

No século XIX, a missão de São Pedro foi caracterizada pelo contato entre os Romaris e os Xokó, não excluindo a possibilidade de outras etnias. Ambos produziam cerâmica e, ao que se relata já naquele momento, não se estabelecia distinção entre a fabricação de louça de barro de ambas as etnias (DANTAS, 1983). No final do século XIX, os indígenas dessa aldeia foram desapropriados sob a alegação de terem se mestiçado com brancos e negros e perdido sua identidade. Muitos foram reprimidos com violência por parte de fazendeiros locais, e parte da população se transferiu para o outro lado do rio, em Alagoas, para junto dos Kariri de Porto Real do Colégio (DANTAS, 1983, 1991). Mais tarde, já no século XX, os Xokó recuperaram o direito à terra na Ilha de São Pedro, atual estado de Sergipe, e parte das famílias indígenas, forçadas a saírem de seu território, retornou (DANTAS; DALLARI, 1980; SANTOS-JUNIOR, 2016).

#### As Louças de Barro Xokó

Desde o século XIX, a população Xokó do baixo São Francisco passou a lutar pelo registro legal de suas terras. Os conflitos e expropriação de terras vivenciadas pelos Xokó afetaram profundamente a manutenção do processo produtivo da cerâmica, o que é relacionado especialmente às dificuldades que eles tiveram em acessar as fontes de barro. No passado recente, logo após retomarem a Ilha São Pedro, em 1979, os Xokó foram impedidos pelos fazendeiros locais de acessarem a Caiçara, onde ficam os barreiros (BARRETO 2010, p. 79). Nessa época, as famílias passaram a buscar o barro



na localidade de Espinhos, margem esquerda do Rio São Francisco, Alagoas. Na Ilha não há barro bom para se fazer panelas. Contudo, conforme a demarcação da T.I. foi regularizada, os Xokó retomaram a Caiçara.

Dentre as primeiras etnografias sobre as cerâmicas Xokó, destacam-se os trabalhos produzidos por Beatriz Góes Dantas (1981), intitulado: “Barro e etnicidade: os índios Xokó e sua cerâmica”; e Hélia Barreto (2010): “Produção cerâmica Xokó: a retomada de uma identidade”. Esses trabalhos fazem algumas contribuições sobre o conhecimento tradicional da produção das louças de barro Xokó. A começar pelo próprio emprego da denominação ceramista. Segundo Barreto (2010), ‘ceramista’ seria para os Xokó àqueles que fabricam telhas e tijolos. As vasilhas são produzidas por ‘louceiras’. De modo que louça ou panela de barro são termos empregados pelas mulheres para se referirem aos seus recipientes cerâmicos.

Recentemente, um dos autores do presente artigo vem desenvolvendo pesquisa etnoarqueológica junto às louceiras Xokó (GARCIA, 2018). Como demonstram diversos estudos etnoarqueológicos dedicados a tecnologias cerâmicas, categorias como padronização e variabilidade artefactual, identidade e etnicidade estão intimamente relacionadas (e.g. STARK *et al.*, 2008; GOSSELAIN, 2000; SILVA, 2008; PIKIRAYI; LINDAHL, 2013). Utilizando essa perspectiva, buscou-se identificar os processos culturais relacionados com a organização tecnológica e transformações culturais dentro da tecnologia de manufatura das louças de barro Xokó. Em termos metodológicos isso implica em: 1) mapear as fontes e preparo das matérias-primas; 2) documentar as etapas de manufatura, procedimentos e técnicas empregadas na elaboração das louças de barro; 3) acompanhar os procedimentos e processo de queima das vasilhas, os acabamentos de superfície; 4) e registrar as morfologias, funções e denominações êmicas que as vasilhas cerâmicas devem ter (e.g. SILVA 2008; AMARAL 2013).

A produção das louças de barro entre os Xokó é domínio feminino e conta com a participação do núcleo doméstico, especialmente esposos e filhos. Os homens atuam na coleta e transporte do barro e da lenha para a queima das louças. Além dessas atividades, os homens também batem o barro e auxiliam na construção da estrutura de queima – caieira. Até recentemente, desempenharam papel fundamental no comércio das panelas nas feiras ao longo do Rio São Francisco. Além da população local, as vasilhas Xokó eram consumidas por outras populações indígenas. No passado, os Fulniô, ao deixarem de produzir cerâmicas, passaram a utilizar as dos Xokó, que consideravam vasilhas de qualidade (LIMA, 1987, p. 228).

Como indicado por Dantas (1981) e Barreto (2010), desde a década de 1980 o número de famílias que produzem a louça de barro reduziu drasticamente entre os Xokó. Entre as décadas de 1950 e 1970, as louceiras mais velhas relatam que vinte e duas famílias faziam louça e se dedicavam ao comércio das panelas nas feiras. Naquele tempo, com exceção do período de seca registrado no ano de 1970 para a região nordeste e que atingiu profundamente o comércio e a vida dos Xokó, essas famílias produziam mais de 2.000 panelas por semana. Apesar das louças serem tradicionalmente produzidas no verão (BARRETO, 2010), com a intensificação do comércio no século XX, a louça era produzida no inverno também. Segundo os Xokó, diversas canoas de tolda navegavam o São Francisco com centenas de panelas empilhadas e destinadas à venda nas feiras (nos municípios/povoados de Gararu, Propriá, Pão de Açúcar, Belo Monte, Escuriau, Traipú).

Atualmente, as louceiras que fazem panela são Dadinha (76 anos) e Damiana (56 anos). A neta de Dadinha, Joseane, tem acompanhado a avó na produção da louça e representa a mais nova geração de louceiras. Os dados apresentados aqui resultam do registro da louça produzida por Dadinha e Damiana, e dos ensinamentos de louceiras que, apesar de não produzirem mais panelas, possuem o conhecimento do tempo que o fizeram. Estas últimas são as louceiras Maria dos Santos, Maria de Jaime, Alcina, Evalda, Célia, Creusa e Maria Helena.

Segundo as louceiras, o barreiro da Caiçara é antigo, e as marcas de extração da argila remetem à memória da produção de panelas ao longo de grande parte do século XX. Nesse barreiro há diferentes tipos de argila, classificados pelas louceiras como ‘barro amarelo’ e ‘barro da mistura’, este último, em geral, possui coloração avermelhada e maior plasticidade em relação ao barro amarelo, que apresenta textura menos pegajosa e maior quantidade de grãos na fração areia. Para a escolha do lugar de coleta, as mulheres identificam a ‘cabeça do barro’ que aflora na superfície do solo, seja por ações erosivas das águas das chuvas, seja em depressões que se formaram pelas extrações anteriores. O barro da superfície é descartado e a argila selecionada é coletada a partir de 40cm de profundidade, camada em que se verifica menor influência de matéria orgânica. Na Caiçara, o barro bom alcança mais de 1,5m de profundidade.

No tempo das feiras, o barro era comumente transportado nos carreiros (carros de boi), com auxílio de canoas para travessia do canal que separava a Ilha de São Pedro e a Caiçara. O uso de carroças menores, puxadas por jumentos, e de galiotas (ou carrinhos de mão) parece ter se tornado mais comum nas últimas décadas. Tanto o carreiro quanto as carroças são veículos importantes, não só para o transporte do barro, como também para a busca da lenha para a queima das panelas. As louceiras relatam que antigamente várias mulheres se reuniam e saíam para o mato para coletar a lenha, transportada por elas em cestos. Já a coleta do barro é atividade realizada em família, e contava com atuação especial das crianças, que auxiliavam os pais no transporte manual do barro até as suas casas.

A louça Xokó é tradicionalmente produzida no interior e quintais das casas. O preparo do barro, a secagem pré-queima e a queima são etapas, em geral, realizadas nos quintais, ao passo que a confecção das vasilhas e a secagem inicial ocorriam dentro das casas. Após a coleta, o barro e a lenha são depositados no quintal, geralmente em momentos diferentes. A coleta da lenha costuma ser realizada próxima ao momento da queima da louça. Nos quintais, vê-se o espaço da queima marcado pelos restos de cinzas, carvão, solo queimado, e concentração de fragmentos cerâmicos. No quintal também há o local para ‘bater o barro’, cuja superfície do solo vai sendo constituída pelo descarte das impurezas do barro ou grãos minerais impróprios à pasta de produção das vasilhas. Esse material é denominado pelas louceiras de ‘xerém’, o qual só é descartado quando já não contém barro próprio para uso. O descarte do xerém, juntamente com a ação do ‘bater o barro’, forma um piso compactado que isola o barro do contato com o solo original do quintal, posto que esse pode contaminar o barro, segundo Dadinha e Damiana.

No quintal e nos cantos das casas ficam os instrumentos utilizados na confecção das louças: 1) “cacete, cacetinho ou porrete de madeira para bater o barro”; 2) a “urupemba” – nome dado a peneira de palha – empregada na identificação das peneiras 188

de metal para fubá, com aproximadamente 30cm de diâmetro; 3) os recipientes – baldes e panelas com água para depositar restos de argila, enxaguar instrumentos e alisar as vasilhas; 4) “utensílios de metal reutilizados” – como facas de gume liso, facas de mesa de gume denticulado, serrinhas de ferro, para raspar e produzir ranhuras de efeito escovado; 5) “capucho” ou sabugo de milho, utilizado antigamente para acabamento escovado da superfície externa das vasilhas (DANTAS, 1983; DANTAS; LIMA, 2006), mas que, atualmente, está em desuso; 6) “paietas de coité para alisamento inicial”; 7) “pauzinho de alisar”, feito preferencialmente de Pau Pereira (*família Fabaceae*), para alisamento final; 8) e o “caco”, denominação identificadora dos moldes de cerâmica das bases-fundos das vasilhas (exceto as miniaturas), que possuem formas de pratos de tamanhos variados e fundo côncavo na face interna.

Após ser depositado no quintal, o barro amarelo e o barro da mistura são espalhados separadamente e postos para secar. Nesse processo, o barro é constantemente vigiado e protegido de qualquer ameaça de chuva. Conforme perde umidade, o barro vai sendo batido com o uso do cacete feito de madeira dura, como o Juazeiro. Aos poucos, grandes torrões de barro vão sendo triturados, o que possibilita sua secagem. Para transformar os torrões em pó, os barros amarelo e avermelhado são misturados e batidos juntos. É preciso muito esforço físico para bater o barro ou para a “pisa do barro”, como descrito em trabalhos anteriores (DANTAS, 1983; BARRETO, 2010). Essa atividade era tradicionalmente realizada pelos homens, mas conta com a participação das filhas mais velhas das louceiras. Conforme os torrões do barro são reduzidos a pó, as louceiras, sentadas no chão junto ao barro, vão deslizando as mãos em movimento pendular com os braços e com os dedos, elas vão sentindo e separando os grãos maiores para que continuem sendo triturados. Em seguida, o batedor ou batedora do barro deixa o espaço e a louceira se posiciona sentada no chão com as pernas estendidas e entreabertas, coluna ereta e com a urupemba junto ao corpo, dando início ao peneiramento do barro. Após acumular certa quantidade, faz uma concavidade no meio do pequeno monte peneirado do barro em pó, adiciona um pouco da ‘água de raspa’ – água barrenta com restos de argila retirados durante a raspagem e alisamento das vasilhas. Além da água de raspa, acrescenta-se água limpa (não barrenta). O barro em pó vai sendo aos poucos umedecido, criando-se a pasta de argila que a louceira amassa com as mãos. Nesse processo, sente a textura da pasta e avalia o ponto certo da umidade para a formação do bolo. Depois de pronto, o ‘bolo’ configura-se em uma porção globular de barro (com 30cm de diâmetro aproximadamente), que vai sendo empilhada uma sobre a outra. A pilha de ‘bolos’ é deixada ao lado da louceira, que logo dará início às suas panelas. Em caso de intervalo entre o ‘amassar o barro’ e o ‘fazer a panela’, a pilha de bolos é coberta (por exemplo, com tecidos) para o barro não ressecar.

Para dar início à confecção das panelas, define-se sua forma e tamanho, e separa-se o caco adequado. Na sequência, as louceiras retiram uma porção do barro, modelam uma bolota de argila que, em seguida, é aberta com as mãos e com movimento de socos, criando uma base achatada e circular. No centro dessa base, adiciona-se mais uma porção de argila, a qual é aderida com novos socos e pressão dos dedos, engrossando a base modelada. A pré-forma da base é colocada no caco. Este último, serve de molde e suporte que auxilia na confecção do restante do corpo das vasilhas, propiciando o giro da peça durante a sobreposição dos roletes e 189

alisamento, bem como a movimentação de um lugar para outro durante a confecção. Com exceção das bases e miniaturas, as vasilhas são produzidas com o uso de roletes. Após formar a base no caco, acrescenta-se roletes grossos. A junção entre os roletes se dá tanto entre roletes de uma mesma volta (junção horizontal) quanto na sobreposição de diferentes voltas (junção vertical). O rolete é colocado com a mão direita e, conforme é adicionado, a louceira pressiona os dedos da mesma mão, sendo o polegar posicionado na parte interna da vasilha e os outros dedos na parte externa. A mão esquerda gira o caco durante o movimento do roletado. Nessa etapa, utiliza-se a paieta do coité, alisando-se o corpo do recipiente no sentido vertical, oposto ao sentido do rolete. Com a paieta de coité e o sentir das mãos, as louceiras sobem as paredes e controlam a sua espessura. Para finalizar a manufatura, a mão direita alisa dentro e fora da vasilha com a paieta de coité, enquanto a mão esquerda roda o caco. Nessa etapa, a panela ganha forma, sendo, na sequência, colocada para secagem inicial. Enquanto uma panela seca, outras vão sendo confeccionadas. Logo depois, as louceiras retomam as painelas iniciadas para realização dos acabamentos de lábio, pescoço, adição de asas, ou para acentuar o ângulo de parede de alguma forma mais fechada, como os potes, por exemplo.

Após formar o corpo, a louça é colocada para secar à sombra. Ao perder o excesso de água da argila, o fundo da panela é descolado do caco: a vasilha está pronta para a etapa de raspar e alisar por fora. Para isso, o alisamento interno deve ser finalizado pois, segundo Dadinha, uma vez retirada do caco não se pode mais alisar a parte interna da base. Retirada do caco, a vasilha é emborcada com a base para cima para que tenha o fundo raspado com faca ou outro instrumento de metal que sirva de lâmina para retirar o excesso de barro e determinar a forma (arredondada ou mais achada) e a espessura da base e parte inferior da vasilha, de maneira geral. Após a raspa, finaliza-se o acabamento de superfície das vasilhas com o alisamento, utilizando o pauzinho de alisar. É nessa etapa que o acabamento plástico com efeito escovado é aplicado na face externa das painelas e dos potes. Além do escovado, as louceiras decoram suas painelas com entalhes que produzem com a paieta de coité e que se assemelham ao ‘ungulado’, aplicados nos lábios e extremidades das asas. Feita a raspagem e o acabamento final, as painelas são colocadas para secagem pré-queima, inicialmente à sombra, por um a dois dias, e depois postas ao sol, quando são continuamente reposicionadas para secagem homogênea de todos os lados.

A avaliação do ponto de queima passa pela observação da cor, peso e temperatura das painelas (se mais frias, mais úmidas). Para a queima, busca-se utilizar pau de Catingueira (*Cenostigma pyramidale*), de Quixabeira (*Sideroxylon obtusifolium*) e de Jurema (leguminosa de diferentes gêneros), considerados bons para a lenha. A fogueira da queima de produção das vasilhas é formada pela cama de cipó, na qual as painelas vão sendo cuidadosamente empilhadas. A pilha de painelas é totalmente fechada com lenhas posicionadas na vertical e cobertas com restos de mato, facheiro e folhas secas ou “bagacinha”, como diz Dadinha. Essa estrutura, similar a uma pira, é nomeada caieira de panela pelas louceiras. As queimas ocorrem no meio da tarde e duram – do início do fogo até a transformação da lenha em cinzas, 45-50 minutos. Depois da queima, as louças ficam resfriando e serão recolhidas apenas no final do dia ou na manhã do dia seguinte.

Diferentemente das etnografias anteriores que indicam uma variabilidade menor de vasilhas, é possível dizer que as louças de barro Xokó se enquadram nas seguintes categorias, segundo sua morfologia (Figura 2):

1. Vasilhas de cozinhar: panela de quinze réis (extinta); panelas de três com beicho ou com asas, panelas de quatro com beicho ou com asas, panela ‘meiã’, panela de asas, frigideiras rasas e fundas, tacho de duas ou quatro asas, torrador e cuscuzeiro.
2. Vasilhas de armazenar: pote, porrão e panela de isca.
3. Vasilhas de serviço: alguidar, fogão.
4. Vasilhas de servir: lilico (bule), chaleira, prato.
5. Vasilhas de consumir/ritual: prato do *Ouricuri*.

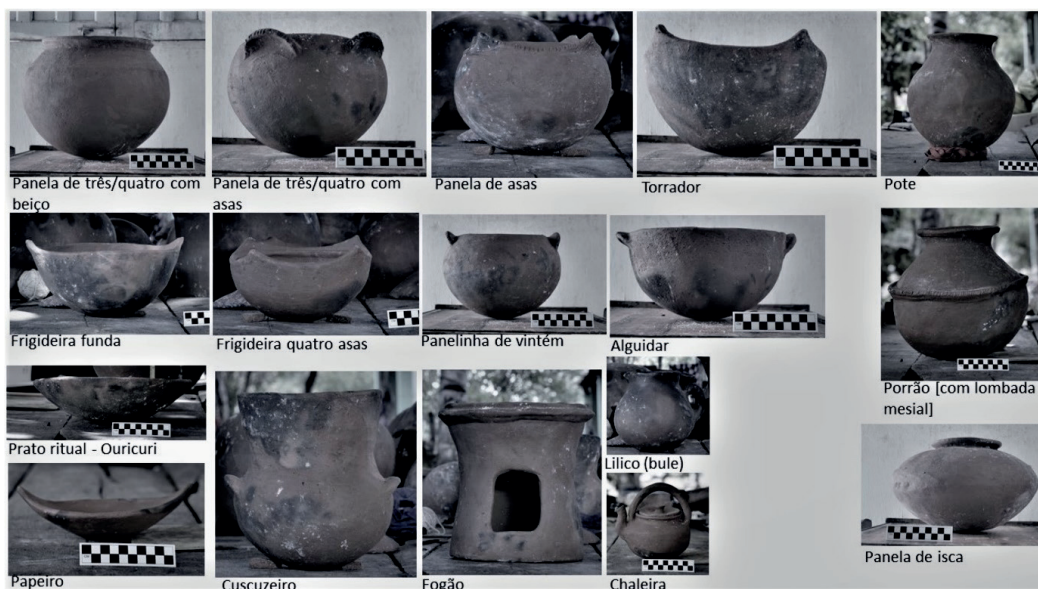


Figura 2: Formas cerâmicas etnográficas Xokó.  
Fonte: Fotos de Elaine de Vasconcelos (2019)

Segundo o inventário realizado por Lima (1987), as louças Xokó compartilham características comuns com as cerâmicas de outras populações indígenas do nordeste, como potes globulares para armazenamento de água, panelas para cozinhar e tigelas hemisféricas de usos diversificados (LIMA, 1987, p. 227-229). As vasilhas cerâmicas Xokó, em geral, possuem base convexa. Muitas delas, como as panelas quatro (menor volume), panelas de três (maior volume), potes e porrões, dificilmente se equilibram sem apoio ou suporte, sendo panelas adequadas para o fogo à lenha. A morfologia do corpo é predominantemente esférica e semiesférica, com espessuras que variam entre 0,5cm e 0,8cm. As panelas de beicho apresentam lábio plano (tipo flange), já as panelas com asas possuem a asa em forma de arcos em semicírculo (como orelhas) e asas em pontas triangulares (como apêndices labiais). As formas pote, porrão e panela de isca possuem ângulos e curvaturas bem marcados, especialmente a panela de isca com carena no meio do corpo, que é considerada uma das panelas mais difíceis de se fazer. As panelas de quatro e de três são

associadas ao preparo de alimentos caldentos, como feijoada; a panela de asas, ao preparo do arroz; o torrador, ao preparo de carnes. Os potes e porrões são para armazenamento, especialmente de água. As frigideiras são para frituras. Já a panela de isca, como indica o nome, serve para armazenar peixes utilizados como isca para pesca.

Há diferentes entendimentos sobre o nome das vasilhas cerâmicas, e isso é motivo de questionamentos mesmo entre as pessoas Xokó. A denominação quatro e três, assim como a panela de quinze réis (não mais produzida) e a panelinha de vintém, são indicativos de unidades monetárias vigentes no Brasil no período colonial, até a primeira metade do século XX. A origem de uso dessas denominações já não faz parte da memória das louceiras mais velhas, que dizem que suas mães e avós já usavam essas nomenclaturas antigamente. É possível dizer que as louças de barro Xokó estão relacionadas as mais diversas situações de contato. Ao mesmo tempo, as louças participam da vida dos Xokó, ou seja, a produção, o uso e a comercialização das panelas são conectadas às suas memórias e trajetória histórica particular, aspecto a ser explorado em trabalhos futuros.

#### SÍTIO ARQUEOLÓGICO CIPÓ E SUA CERÂMICA

O sítio Cipó é um sítio a céu aberto, com uma área total de 2800 m<sup>2</sup>, localizado em um terraço fluvial à jusante da barragem de Xingo, na margem esquerda do rio São Francisco (coordenadas UTM 8.934.795/ 633.395). Possui uma vegetação arbustiva de caatinga, e está a uma distância de, aproximadamente, 200 metros do rio São Francisco. O material presente em superfície é composto por cerâmica indígena, louça, vidro e material lítico (VERGNE, 2007).

As escavações do sítio ocorreram entre 2003 e 2007, dentro do Projeto Arqueológico Xingó (PAX). Optou-se por um procedimento de escavação por trincheiras em forma de cruz: uma com 70 metros de comprimento por 5 metros de largura e a outra com 35 metros de comprimento e 5 metros de largura. As escavações foram realizadas em níveis artificiais de 10cm e dimensão das quadrículas escavadas por decapagens era de 5x5 metros (VERGNE, 2007, Figura 3).



Figura 3: Trincheiras do sítio Xingó, que nunca foram tampadas, na margem esquerda do São Francisco  
 Fonte: Foto de Fernando Ozorio de Almeida (2015).

Foram obtidos 3.389 fragmentos cerâmicos, que ocorreram entre a superfície e o nível 11, e um conjunto lítico constituído por 488 peças, distribuído em 18 níveis. A matéria-prima mais utilizada para a produção lítica foi o quartzo leitoso, com presença também de quartzo hialino, granito, sílex, silexito, pegmatito, arenito silicificado, calcedônia e quartzito. Fragmentos de ossos foram encontrados até a camada 6. No entanto, Vergne (2007) não especifica a sua origem e quantificação. O mesmo ocorreu com a louça e o vidro, encontrados nos níveis superiores. Quatro fogueiras e algumas manchas escuras também foram descritas (VERGNE, 2007).

Durante a análise realizada por uma das autoras do presente artigo, notou-se a ausência de fragmentos cerâmicos da camada 3, o que reduziu a coleção cerâmica para 3.090 fragmentos (Tabela 1). Além disso, os fragmentos menores que 2cm não foram considerados diagnósticos para a análise da variabilidade formal do conjunto cerâmico, restando para análise, portanto, 1736 fragmentos de vasilhas cerâmicas. Há fragmentos de parede [1383], bordas [309], bases [24], rodas de fuso [8], asas [6], alças [5] e bolota de argila [1].

Tabela 1: Relação de material em 2007 e 2018.

Camada	Quantidade relatório de 2007	Quantidade Atual
Superfície	485	469
Limpeza	961	958
Camada 1	346	354
Camada 2	334	328
Camada 3	300	2
Camada 4	212	222

Camada 5	116	115
Camada 6	110	118
Camada 7	124	122
Camada 8	172	170
Camada 9	87	89
Camada 10	64	65
Camada 11	78	78
Total	3389	3090

A análise da cerâmica do sítio Cipó indica que a técnica de manufatura não segue um padrão definido: em 87,67% da coleção não é possível diagnosticar a técnica de manufatura, um possível indício para a técnica de modelagem<sup>1</sup>, enquanto que 10,72% da coleção apresenta cordões de argila. A inferência de um uso frequente do modelado se dá pelo não reconhecimento de quebras de rolete nos fragmentos, como também pela total irregularidade dessas quebras, o que tende a ocorrer em peças modeladas, moldadas e torneadas. Esta última técnica, entretanto, possui diagnóstico fácil em função das estrias internas geradas pelo torno. No sítio Cipó foram identificados alguns fragmentos (n=17) torneados, espalhados pelos níveis 1 a 5.

A pasta de produção da cerâmica apresenta antiplásticos minerais [93,60% dos fragmentos], sendo mais abundantes os grãos de quartzo e mica; já em menor quantidade aparece óxido de ferro, feldspato, calcário e grafite. Dentre os minerais existentes no antiplástico, o quartzo e a mica são os mais abundantes em todos os níveis, o que parece sugerir a escolha por uma determinada fonte de argila em que esses minerais já são encontrados. A espessura dos grãos minerais não representa grande variação nos níveis distintos, 75% dos fragmentos possuem espessura entre 1 e 3mm.

Essas características da pasta de produção cerâmica indicam a escolha da fonte de argila ideal, rica em grãos minerais. Como observado por Rice (1987), para ser uma boa argila para confecção da cerâmica de uso doméstico, um depósito natural precisa conter grãos minerais angulares que ocorram em tamanhos variados. Nesses depósitos, as partículas menores e a própria argila se mantêm interligadas com os ângulos dos grãos minerais, conferindo força à pasta na produção, secagem e queima. Diferentemente dos grãos minerais de quartzo, a mica possui forma plaçoide ou folicular. As vasilhas com pasta rica em moscovita ou plaquetas de mica funcionam como condutores térmicos, além de darem brilho à superfície das vasilhas. Os estudos etnoarqueológicos mostram que a percepção da ceramista acerca da argila passa por testes sensoriais (textura) e mecânicos (teste de secagem e queima), que determinam a seleção ou a rejeição da fonte de matéria-prima. A ceramista estuda a argila pela experimentação, para selecionar a matéria-prima ideal, e essa escolha pode estar pautada no tipo de vasilha que será produzida (SILVA, 2000; GARCIA, 2012).

A queima de produção das vasilhas resultou em fragmentos com superfície de coloração marrom (56,42%), seguida pelo vermelho (19,81%), preto (18,88%), amarelo/ocre (2,20%), laranja (1,51%) e cinza (1,10%). A queima não apresenta variações significativas entre os diferentes níveis. As vasilhas apresentavam espessura entre 5-10 mm, com alisamento fino na face interna [73%] e externa [49%]. As análises da superfície indicam uma preocupação maior com a superfície interna, cuja porcentagem 194

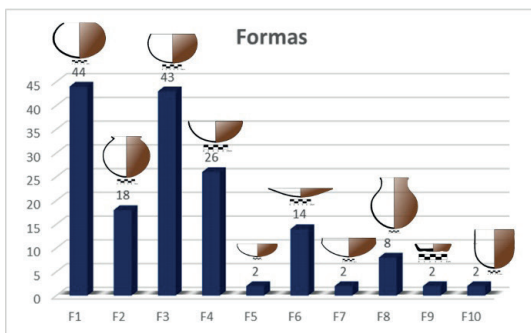


de alisamentos finos e polimento é maior em relação ao observado na face externa dos fragmentos das vasilhas. Tais polimentos permitem a impermeabilidade dessas vasilhas, ideais para o armazenamento de líquidos ou cocção. No entanto, foram poucos os fragmentos da coleção que apresentaram sinais de uso [14.17%], um outro elemento diagnóstico de panelas usadas para cocção.

Além de alisadas, as vasilhas receberam acabamentos plásticos por meio de técnicas diversas, sendo as principais: incisão fina [54], incisão larga [5], ungulados [18], escovados [25], roletado [13], entalhados [10]. Os acabamentos pintados foram aplicados pelo uso de pigmento branco [12], pigmento preto [5] e pigmento vermelho [4]. A presença de decorações zonada-hachuradas remete às ocupações antigas do sítio Justino, e das tradições inciso-modeladas, conforme já comentado.

A morfologia predominante das bordas das vasilhas na coleção foi direta (75%), a inclinação predominante é vertical (42%), seguida de inclinação interna (30%) e inclinação externa (28%). O lábio arredondado é predominante (59%), aparecendo em todos os níveis, assim como o lábio plano (31%). Os lábios raramente possuíam espessura maior que 0,8cm. O diâmetro das bordas varia muito entre 10-56cm. Entre as reconstituições, seguindo os critérios para definição e separação de formas empregados por Almeida (2013b), chegou-se a 10 diferentes formas de vasilhas, com diferentes capacidades de armazenagem. Foi inferido o contorno para um total de 161 peças. Como se trata de uma coleção com formas com contornos simples e raros ângulos, acredita-se que as reconstituições são bastante próximas das vasilhas originais (Figuras 4 e 5).

**Definição, volume inferido das formas e quantidade de reconstituições**



- **Forma 1:** Vasilha esférica, contorno simples e boca constrita. Vol. 1,0 a 26,7 L.
- **Forma 2:** Vasilha esférica, contorno infletido e boca constrita. Vol. 4,7 a 20,1 L.
- **Forma 3:** Vasilha semiesférica, contorno simples e boca constrita. Vol. 2,3 a 35,2 L.
- **Forma 4:** Vasilha semiesférica, contorno infletido e boca aberta. Vol. 1,5 a 9,3 L.
- **Forma 5:** Vasilha em forma de calota, contorno simples e boca constrita. Vol. 16,2 L.
- **Forma 6:** Vasilha em forma de calota, contorno infletido e boca aberta. Vol. 1,5 a 5,3 L.
- **Forma 7:** Vasilha com contorno composto. Vol. 13, 9 L.
- **Forma 8:** Vasilha esférica com pescoço, contorno infletido, boca constrita. Vol. 4 a 21,6 L.
- **Forma 9:** Vasilha rasa, prato. Vol. -
- **Forma 10:** Vasilha cilíndrica, contorno simples e boca constrita. Vol. 2,6 a 12,6 L.

Figura: 4: Frequencia das formas do sítio Cipó

Nível	Forma 1	Forma 2	Forma 3	Forma 4	Forma 5	Forma 6	Forma 7	Forma 8	Forma 9	Forma 10
Sup.										
Lpz										
1										
2										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

Figura 5: Distribuição por nível das formas do sítio Cipó

### O Sítio Cipó no Tempo e no Espaço

A cerâmica do sítio Cipó possui muitas características similares às estudadas nos sítios situados em seu entorno (São José 1 e 2; Justino; Jerimum; Curitiba) (LUNA; NASCIMENTO, 2000; DANTAS; LIMA, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2005). Dentre essas, pode-se assinalar: 1) a combinação de técnicas de manufatura, como modelado/moldado e roletado; 2) as características da pasta de produção composta por antiplástico de grãos minerais e resultados de queima que indicam a escolha de fontes de argila com propriedades comuns a diversos conjuntos cerâmicos da região de Xingó; 3) vasilhas com paredes de fina espessura (menor que 1cm); 4) acabamentos de superfície com incisões, escovados e roletados; 5) vasilhas com formas de contornos simples e infletidas.

São características da variabilidade formal dos conjuntos cerâmicos que possibilitam correlacionar o sítio Cipó às indústrias cerâmicas de Xingó. A datação radio-carbônica, obtida para o nível 5 do sítio Cipó, coloca-o no período de contato com agentes da colonização europeia, no século XVII: 300+/-30 anos AP. Trata-se da data mais recente obtida para o contexto de Xingó (Tabela 2). A posição intermediária da data entre os níveis escavados sugere que o sítio é composto por ocupações anteriores e posteriores a esse período. O contexto arqueológico de sítios como o sítio Cipó permite-nos constatar que a ausência de datas associadas ao período colonial desses sítios pode estar relacionada apenas com a busca dos pesquisadores por datas mais antigas, pertencentes ao período “pré-histórico”.

Tabela 2: Datações radiocarbônicas para a região de Xingó (em realce as relacionadas a ceramistas). A nova datação foi realizada sobre amostra de carvão e foi calibrada utilizando o High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13.

Sítio	Nível/Camada	Num. Lab.	Data Convencional	Data Calibrada	Fonte
Cipó	C5	Beta - 509965	300 +/- 30 BP	1616 - 1671 AD (52.7%) 1504 - 1590 AD (39.3%)	Este Artigo
Justino	F3	Univ. Lyon	1280+-45 BP	678 - 890 AD (100%)	Vergne, 2004
Justino	F6	Univ. Lyon	1780+-60 BP	196-420 AD (92.8%)	Vergne, 2004
Justino	F8	UFBA	2530+-70 BP	806-477 BC (98.3%)	Vergne, 2004
Justino	F10	UFBA	2650+-150 BP	1130-402 BC(98.9%)	Vergne, 2004
Tanque	F9	Beta - 509963	2240+-30 BP	376-198 BC (92.8%)	Vergne, 2004
Justino	F13	Univ. Lyon	3270+-135 BP	1891-1222 BC (100%)	Vergne, 2004
Justino	F20	Beta	4790+-80 BP	3664-3361 BC (99.3%)	Vergne, 2004
Justino	F30	Beta	5570+-70 BP	4453-4330 BC (100%)	Vergne, 2004
Justino	F40	Beta	8950+-70 BP	8872-7813 BC (99,4%)	Vergne, 2004

Ao observar as formas identificadas na coleção cerâmica do sítio Cipó, do nível mais profundo ao mais raso, é possível dividi-las em quatro conjuntos (Quadro 1).

Quadro 1: Conjuntos cerâmicos do sítio Cipó divididos verticalmente.

Conjunto	Níveis	Descrição
1	11 a 9	As formas 1 e 3 aparecem. Trata-se de vasilhas de contornos simples nas quais as características das formas são muito semelhantes e a capacidade volumétrica, em geral, não ultrapassa 10 litros, ou seja, vasilhas pequenas a medianas, finamente alisadas e com acabamentos plásticos: inciso e escovado. O antiplástico é, basicamente, mineral; quartzo (areia), mica e feldspato, com diferentes tamanhos de grãos em um mesmo fragmento e com diferentes proporções. Nesses mesmos níveis também pode-se destacar a presença de rodas de fuso, um importante indicador para a tecelagem e, quiçá, para a plantação de algodão, descrita no período colonial.

2	7 e 8	As formas 1 e 3 permanecem. Surgem as formas 4, 5, 6, 7, 9 e 10, sendo que as formas 5, 7 e 9 só são encontradas nesse momento. Alguns poucos fragmentos apresentam engobo vermelho. O antiplástico segue sendo o mesmo, com exceção de um fragmento que apresenta óxido de ferro.
3	6 a 1	Algumas formas anteriormente identificadas nas camadas mais profundas (formas 5, 7, 9, 10) se tornam ausentes. Passa a ocorrer a presença de material colonial – cerâmica em torno, com esmalte, como faianças – misturado com a cerâmica indígena. Esse material de contato, porém, aparece sempre em pequenas quantidades, tendo, em média, três fragmentos por nível. As formas 1, 3, 4, 6 e 10 permanecem e surge (nível 5) a forma 2, caracterizada por vasilhas com pequena flange ou extroversão na borda. A partir do nível 4, essas formas passam a apresentar decoração plástica unglada ou entalhada no lábio. Começa a ocorrer cerâmicas com decoração pintada (branco, vermelho, preto e marrom), com frequente branco sobre o engobo vermelho. Também foram encontrados fragmentos de roda de fuso, alça e asa nesse nível. Ao que tudo indica, a partir desse momento, há uma mudança na fonte de extração da argila ou adição intencional de óxido de ferro, calcário e grafite no tempero das vasilhas. Em alguns casos, a adição de óxido de ferro é tão intensa que é perceptível a olho nu, sem o auxílio de lentes macroscópicas, em pastas que adquirem tonalidade avermelhada. Pode-se observar, portanto, uma série de mudanças nesse nível datado para o início do período de contato, especialmente quanto às decorações. Ao mesmo tempo, pode-se observar a persistência de elementos, com destaque às formas das vasilhas. O que pode ser resumido a um conjunto com pasta diferente, com menor variação morfológica e maior frequência de decorações.
4	Sup.	Ocorre a inserção dos potes com gargalo (forma 8) e a presença de fragmentos de cerâmicas enegrecidas. O engobo vermelho, nesse nível, aparece em mais 70% dos fragmentos. A pasta de produção da cerâmica possui maior visibilidade de grãos minerais de óxido de ferro, assim como a presença de calcário e grafite. A decoração continua a mesma do conjunto anterior, e, assim como no primeiro conjunto, registra-se a presença de rodas de fuso. O conjunto desse nível mais recente reforça as mudanças observadas no nível anterior, sem, entretanto, possuir qualquer indicação de ruptura no estilo técnico dos conjuntos cerâmicos.

É preciso refletir sobre as mudanças e as continuidades culturais observadas no estilo cerâmico. No sítio Cipó pode-se observar formas (1, 3 e 4) que parecem ter sido produzidas durante toda a ocupação do sítio. A partir do período em que foi identificado o Conjunto 2, e cuja data remete ao início do período de contato, pode-se observar uma grande coerência nas formas (1, 2, 3 e 4) que dividem os níveis superiores do sítio com diferentes vestígios históricos (como vidro e louça). Nessa parte final da sequência, em que se encontram os conjuntos 1 e 2, aparecem vasos muito semelhantes aos produzidos pelos Kariri-Xokó e pelos Xokó, cujas terras estão nas proximidades do sítio atualmente. No caso dos Xokó, o exemplo mais claro é um fragmento de borda extrovertida, com decoração escovada, que possui extrema semelhança com os vasos

globulares amplamente conhecidos na etnografia. Além disso, a forma 8 do sítio Cipó remete a moringas para água produzidas pelos Kariri-Xokó. O uso de pigmentos vermelhos passa a ser amplamente presente nos níveis superficiais do sítio (Figura 6). Por fim, o conjunto de tigelas representadas pelas formas 4, 5 6 e 7 (do nível 8 à superfície) remete, ao mesmo tempo, a formas semelhantes encontras em enterramentos do sítio Justino e ao prato do *Ouricuri* dos Xocó (Figura 7).

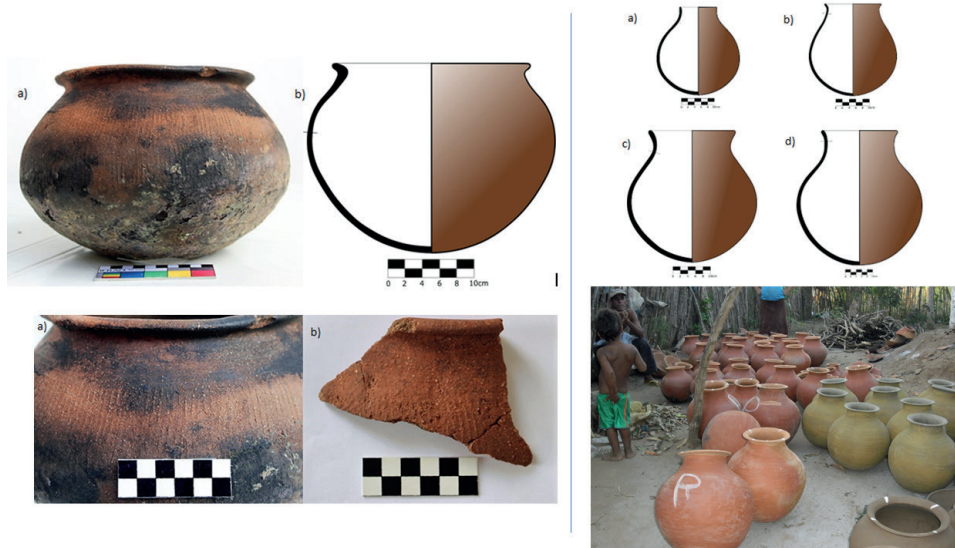


Figura 6: Fragmento cerâmico encontrado no sítio Cipó (esquerda abaixo) e vaso Xokó encontrado no rio São Francisco (esquerda acima); e forma 8 do sítio Cipó (direita acima) e moringas de água produzidas pelos Kariri-Xokó (Direita abaixo).

Fonte: Fotos de Adriana Schuster, disponíveis em: <http://kxnhenety.blogspot.com/2013/04/>.

Por meio desses dados, pode-se inferir, de maneira preliminar, que o que se conhece hoje como a cerâmica produzida pelos Xokó e pelos Kariri Xokó do baixo rio São Francisco data de, pelo menos, o início do período de contato, entre o final do século XVI e início do XVII, o que é corroborado pela datação obtida para o sítio Cipó. Portanto, o que pode ser observado por meio da análise técnica-morfológica das cerâmicas é que não houve rupturas, mas transformações que se deram ao longo do tempo, incluindo o período pré-colonial, e que podem ser reconhecidas no próprio estilo das cerâmicas dos povos Xokó e Kariri-Xokó. Não está claro se grupos Kariri teriam de fato ocupado o que hoje se denomina sítio Cipó, ainda que seja possível inferir que exista cerâmica produzida por esses grupos na parte superior da sequência vertical. O “aparecimento” dessas vasilhas “clássicas” Kariri e Xokó não aparece como elemento dissonante dentro do repertório cerâmico do sítio, mas em extrema sintonia com o que já era produzido há muito tempo tanto no sítio Cipó quanto em toda a região do baixo São Francisco. Uma região em que tudo se transforma, mas onde a cerâmica permanece.



Figura 7: Prato utilizado em ritual funerário do sítio Justino e prato utilizado para ritual Xocó do *Ouricuri*  
Fonte: Fotos de Railda Nascimento (2019) e Elaine Vasconcelos (2019).

## CONCLUSÕES

A ideia de ruptura entre os períodos “pré-colonial” e “pós-colonial” ainda se encontra enraizada na arqueologia brasileira, mas muito pouco se sabe sobre as histórias indígenas do período colonial, arqueologicamente falando. Recentemente, uma tentativa de identificar as transformações nas cerâmicas Tupiniquim, do atual Estado de São Paulo, a partir do início do período colônial (NOELLI; SALLUM, 2019), indicam um possível incremento no interesse sobre as tecnologias indígenas tardias dentro de abordagens de história de longa duração.

Esta é uma abordagem ainda em fase incipiente para o baixo São Francisco. Ainda assim, por meio da reanálise de um sítio, datado do início do período do contato, foi possível observar que essas conexões temporais parecem de fato existir. Foi possível também olhar para a cerâmica produzida por grupos Kariri e Xokó, menos como uma fonte teórica de médio alcance para se fazer analogias com relação ao passado (por exemplo, DANTAS; LIMA, 2006) e mais como parte de uma tradição milenar regional. Acredita-se que comparações verticais, como as realizadas aqui, e uma maior abertura de espaço para a datação de amostras de períodos mais recentes, podem ser extremamente benéficas para esse tipo de abordagem. Da mesma forma, acredita-se que a intensificação do conhecimento etnohistórico, o uso de abordagens distintas do material cerâmico – das análises gestuais às arqueométricas –, e um olhar do presente (Xocó) para o passado (Xingó), são caminhos naturais para o prosseguimento das pesquisas. A arqueologia de Xingó ainda tem muito a contar.

Em oposição à ideia enganosa de “mistura”, foi indicado que as culturas indígenas regionais, desde seu passado profundo e pelo início do período colonial, já possuíam elementos que os diferenciavam, tal como o protagonismo das mulheres, as produtoras dos artefatos cerâmicos. Em oposição à noção de ruptura, buscou-se observar a cerâmica de Xingó como uma cerâmica em constante transformação, continuamente incorporando elementos de fora e se desfazendo de outros. Isso, sem perder sua estrutura. Partiu-se da noção de que o período de contato marca o início de um novo capítulo, extremamente dramático, e não final de uma (pré-) história. Nesse sentido, pode-se argumentar que o próprio surgimento da cerâmica da região pode ter sido um capítulo tão importante quanto o da chegada dos europeus para a vida dos indígenas da região. Advogou-se, então, pelo fim da ideia de “pré-história” e por uma contribuição arqueológica à percepção das culturas indígenas como culturas que possuem uma habilidade incrível de se transformar e de reter elementos de suas tradições. Essas histórias conferem o caráter de complexidade do fazer arqueológico, por que não, de fascinação. Nesse sentido, a arqueologia possui papel social importante na desconstrução da ideologia colonialista de “índios misturados” e na compreensão das histórias indígenas regionais cuja diversidade cultural é tradição milenar que deve ser valorizada.

Agradecimentos: Às louceiras Xokó, especialmente à Dadinha, Damiana, Creusa e Joseane. À CAPES e à PROARQ-UFS, pela pesquisa etnoarqueológica (Lorena Garcia). A análise da cerâmica do sítio Cipó contou com auxílio (iniciação científica) da COPES-UFS. Agradecemos aos colegas do LAPSO e MAX UFS, em especial, à Sandra Nunes, Railda Nascimento, Jaqueline Carou (revisão) e Guilherme Mongeló (Mapa).

#### FROM PRE-HISTORY TO INDIGENOUS HISTORY IN THE LOWER SÃO FRANCISCO: ARCHAEOLOGY OF THE CONTACT PERIOD WITHIN A KARIRI CONTEXT

*Abstract: In this article we present elements which enable us to advocate that it is possible to work with a long-term perspective in the Lower São Francisco region. We present the context for the human occupation of the river, suggesting that well before the beginning of the colonial period there are various elements of cultural “mixture” and that, therefore, the “descharacterization” portrait in which the regional indigenous groups have been depicted should be revised. We follow presenting the ceramics which is presently produced by local Xocó (Kariri) women. Finally, we discuss technological aspects of the ceramics of the Cipó site, whose long occupation sequence which includes a date from the contact period enables us to observe a cultural continuity between the pre-colonial past and the present.*

*Keywords: Long-Term History in the Lower São Francisco. Xocó Ethnoarchaeology. Ceramic Analysis. Archaeology of the Contact Period.*

Notas

- 1 Os dados etnográficos apresentados, entretanto, sugerem que o considerado como “modelado” está mais próximo de um “moldado”, uma vez que a nova base ganha o mesmo contorno do caco utilizado como suporte.

## Referências

- AB'SABER, Aziz. O homem dos terraços de Xingó. *Revista Canindé*, Cadernos de Arqueologia, Doc. 6. UFS, 1997.
- ALENCAR, José. *Iracema*. Brasília: Biblioteca da Câmara dos Deputados, 2013.
- ALMEIDA, Fernando Ozorio de. Cerâmica antiga na periferia leste da Amazônia: o sítio Remanso/MA. *Amazônica, Revista de Antropologia*, p. 72-96, 2013a.
- ALMEIDA, Fernando Ozorio de. A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013b.
- AMÂNCIO-MARTINELLI, Suely. Arte rupestre em Xingó. *Revista Canindé*, UFS, Doc. 9, p. 1-32, 1997.
- AMARAL, Daniela. M. Loiça de Barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ARRUTI, José M. A. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. *Estudos Históricos*, v. 8, n. 5, p. 57-94, 1995.
- ARRUTI, José M. Agenciamentos políticos da “Mistura”: identificação étnica e segmentação negro-indígena entre os Pankararu e os Xocó. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, n. 2, p. 215-254, 2001.
- BANDEIRA, Maria de Lurdes. *Os Kariris de Mirandela*: um grupo indígena integrado. *Estudos Baianos*, Universidade Federal da Bahia, n. 6, 1972.
- BARRETO, Hélia Maria de Paula. *Produção Cerâmica Xokó*: a retomada de uma identidade. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2004.
- BARRETO, Hélia Maria de Paula. *Produção cerâmica Xokó*: a retomada de uma identidade. São Cristóvão (SE): Editora UFA: Fundação Oviedo Teixeira, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. Tradução de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BROCHADO, José Proença. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agricul-* 202



*ture into Eastern South America*. Dissertation (PhD in Anthropology) – University of Illinois, Urbana Champaign, 1984.

CARVALHO, Fernando Lins de. *A pré-História sergipana*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2003. 159 p.

DANTAS, Beatriz Góis. Barro e etnicidade: os índios Xokó e sua cerâmica. *In*: DANTAS, Beatriz Góis. (coord.). *Artesanato em Sergipe: cerâmica*. Relatório de pesquisa. Aracaju, 1981.

DANTAS, Beatriz Góis. Barro e etnicidade: os índios Xokó e sua cerâmica. *In*: DANTAS, Beatriz Góis. (coord.). *Artesanato em Sergipe: cerâmica*. UFS, 1983. p. 83-22.

DANTAS, Beatriz Góis. Os índios em Sergipe. *In*: DINIZ, Diana (coord.). *Textos para a história de Sergipe*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe; BANESE, 1991. p. 19-60.

DANTAS, Beatriz Góis; SAMPAIO, Jose A. L.; CARVALHO, Maria Rosario G. de. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. *In*: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DANTAS, Beatriz Góis; DALLARI, Dalmo de Abreu. *Terra dos índios Xokó: estudos e documentos*. São Paulo: Comissão Pró-Índio, 1980.

DANTAS, Vladimir José; LIMA, Andrade Tania. *Pausa para um Banquete: análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2006. 150 p.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.*, v. 2, n. 1, p. 59-76, 2007.

FAGUNDES, Marcelo. Entendendo a Dinâmica em Xingó na Perspectiva Inter-Sítios: indústrias líticas e os lugares persistentes no baixo vale do rio São Francisco, nordeste do Brasil. *Arqueologia Iberoamericana*, v. 6, p. 3-23, 2010.

GARCIA, Lorena. *Arqueologia na região dos interflúvios Tocantins-Xingu: os Tupi do Cateté*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GARCIA, Lorena. *Projeto arqueologia e histórias de vida: pesquisa arqueológica e etnoarqueológica com os Tupinambá de Belmonte (BA) e as louceiras Xokó da Ilha São* 203

Pedro (SE). Programa Nacional de Pós-Doutorado CAPES, PROARQ-UFS, 2018.

GOSDEN, C. Postcolonial Archaeology: Issues of Culture, Identity and Knowledge. In: HODDER, Ian (ed.). *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 2001. p. 241-261.

GOSSELAIN, Olivier. Materializing Identities: An African Perspective. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 7, n. 3, p.187-217, 2000.

GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando Amazônia). In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 37-52.

HECKENBERGER, Michael J. *The Ecology of Power: culture, place, and personhood in the southern Amazon, A.D. 1000-2000*. New York: Routledge, 2005.

ISA – Instituto Socioambiental. *Povo Xokó*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xok%C3%B3>. Acesso em: 07 ago. 2019.

LAROCHE, Armand F. *Arqueologia pernambucana*. Recife: Museu do Gabinete de História Natural do Ginásio Pernambucano, 1977. p. 1-27.

LATHRAP, Donald W. *The Upper Amazon*. London: Thames & Hudson, 1970.

LEROI-GOURHAN, Andre. *Pré-história*. São Paulo: Pioneira; EDUSP, 1981.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Darcy et al. (ed.). *Suma Etnologia Brasileira*. Edição atualizada do *Handbook of South American Indians*. v. 2. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987. p. 173-229.

LOWIE, Robert H. The Cariri. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians*, v. 1: The marginal tribes. *Bureau of American Ethnology*, Bulletin 143. Smithsonian Institution. Washington: Government Publishing Office, 1946. p. 557-559.

LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. *Estudos da cerâmica arqueológica dos sítios São José 1 e 2 (Delmiro Gouveia - AL)*. Aracajú: Museu Arqueológico de Xingó, 2000.

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Índios do Açu e Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.

MELLO, Adilson C.; SILVA, Railda N.; FOGAÇA, Emilio. *Sonhos em pedra: um* 204

estudo de cadeias operatórias de Xingó. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2007. 136 p.

NANTES, Martinho de. *Relação de uma missão no Rio São Francisco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979 [1706].

NEVES, Eduardo. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-term History, and Political Change in Amazonian Floodplain. In: SILVERNAN, Helaine; ISBELL, William H. (ed.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008. p. 359-378.

NOELLI, Francisco S. A Ocupação humana da região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. *Revista USP*, v. 44, p. 218-269, 1999.

OLIVEIRA, João Pacheco. Uma etnologia de “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

OLIVEIRA, Lucas; KLOKLER, Daniela. Corpos, oferendas, rituais e gênero no Sítio Justino, Baixo São Francisco. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 16, n. 1, p. 103-124, 2018.

OLIVEIRA, Claudia Alves. *Grupos pré-históricos do Sítio Jerimum região de Xingó – Canindé do São Francisco, SE*. Aracaju: MAX, 2005. 158p.

PESSIS, Anne Marie; GUIDON, Niéde. Registro rupestre e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo Indígena*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 19-34.

RICE, Prudence M. *Pottery Analysis, a Sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

SILLIMAN, Stephen W. Between the Long Durée and the Short Purée: postcolonial archaeologies of indigenous histories in colonial North America. In: OLAND, Maxine; HART, Siobhan; FRINK, Liam (ed.). *Decolonizing Indigenous Histories: exploring Prehistoric/Colonial Transitions in Archaeology*. Tucson: University of Arizona Press, 2012. p. 113-132.

SILVA, Fabiola A. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e seu estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye (org.). *Uri e Wáxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang*. UEL: Londrina, 2000. p. 55-80.

NOELLI, Francisco S.; SALLUM, Marianne A cerâmica paulista: cinco séculos de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. *Mana*, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p701>

PIKIRAYI, Innocent; LINDAHL, Anders. Ceramics, Ethnohistory, and Ethnography: Locating Meaning in Southern African IronAge Ceramic Assemblages. *The African Archaeological Review*, v. 30, n. 4, p. 455-473, 2013.

SILVA, Fabíola A. Ceramic Technology of the “Asurini do Xingu, Brazil”: An Ethnoarchaeological Study of Artifact Variability. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 15, n. 3, p. 217-265, 2008.

SILVA, Jaciara A. *Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato Nativo Americano/Europeu*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Sergipe, 2017.

SANTOS JUNIOR, Avelar Araújo. *A conflitualidade para além da regularização territorial: a propósito das múltiplas determinações das políticas públicas na Terra Indígena Caiçara/ Ilha de São Pedro, em Sergipe*. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2016.

SOARES DE SOUZA, Gabriel S. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001. [1587].

SOUZA, Vanessa Santos. *Particularidades e semelhanças do registro rupestre da Fazenda Mundo Novo em Canindé do São Francisco-SE*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, 2013.

STARK, Miriam; BOWSER, Brenda; HORNE, Lee (orgs.). *Cultural Transmission and Material Culture: Breaking Down Boundaries*. Tucson: The University of Arizona Press, 2008.

URBAN, Greg. A História da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos Índios no Brasil* (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87-102.

VERGNE, Maria Cleonice de Souza. *Arqueologia do Baixo São Francisco: estruturas funerárias do sítio Justino*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VERGNE, Maria Cleonice de Souza. *Relatório final das escavações e análises laboratoriais dos sítos Barracão, Cipó e Barragem*. Canindé do São Francisco: Max UFS, 2007.

VIANA, Verônica Pontes. *Dinâmicas culturais e ambientais na praia de Jericoacoara, Jijoca de Jericoacoara, Ceará – Brasil*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, 2018.